

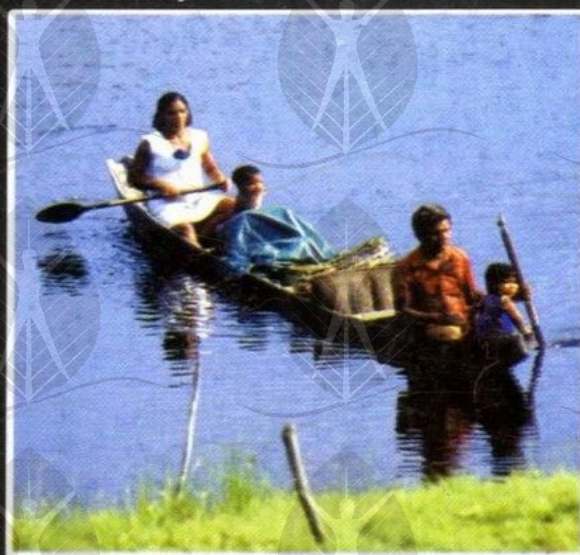


COLEÇÃO  
Documentos da  
AMAZÔNIA

## A Inscrição da Gávea

Vivaldo Lima

*fac-similado N.º 104*



A INSCRIÇÃO DA GÁVEA

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO  
Documentos da  
**AMAZÔNIA**



GOVERNADOR DO AMAZONAS

**Amazonino Armando Mendes**

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

**Samuel Assayag Hanan**

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO

**Robério dos Santos Pereira Braga**

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E DESPORTO

**Vânia Maria Cyrino Barbosa**

SECRETÁRIA EXECUTIVA ADJUNTA

**Delzinda Ferreira Barcelos**

ASSESSOR DE EDIÇÕES

**Antônio Auzier Ramos**

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA

**Saul Benchimol** – Presidente

**SEC**

Secretaria de Estado da  
Cultura, Turismo e Desporto

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357

Fax: (92) 233.9973

E-mail: [sec@visitamazonas.com.br](mailto:sec@visitamazonas.com.br)

[www.visitamazonas.com.br](http://www.visitamazonas.com.br)

VIVALDO LIMA

A INSCRIÇÃO DA GÁVEA

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO  
Documentos da  
AMAZÔNIA

CULTURA



Copyright © 2002 Governo do Estado do Amazonas  
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto.

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Antônio Auzier Ramos**

CAPA  
**Vanusa Gadelha / KintawDesign**

PROJETO GRÁFICO  
**KintawDesign**

---

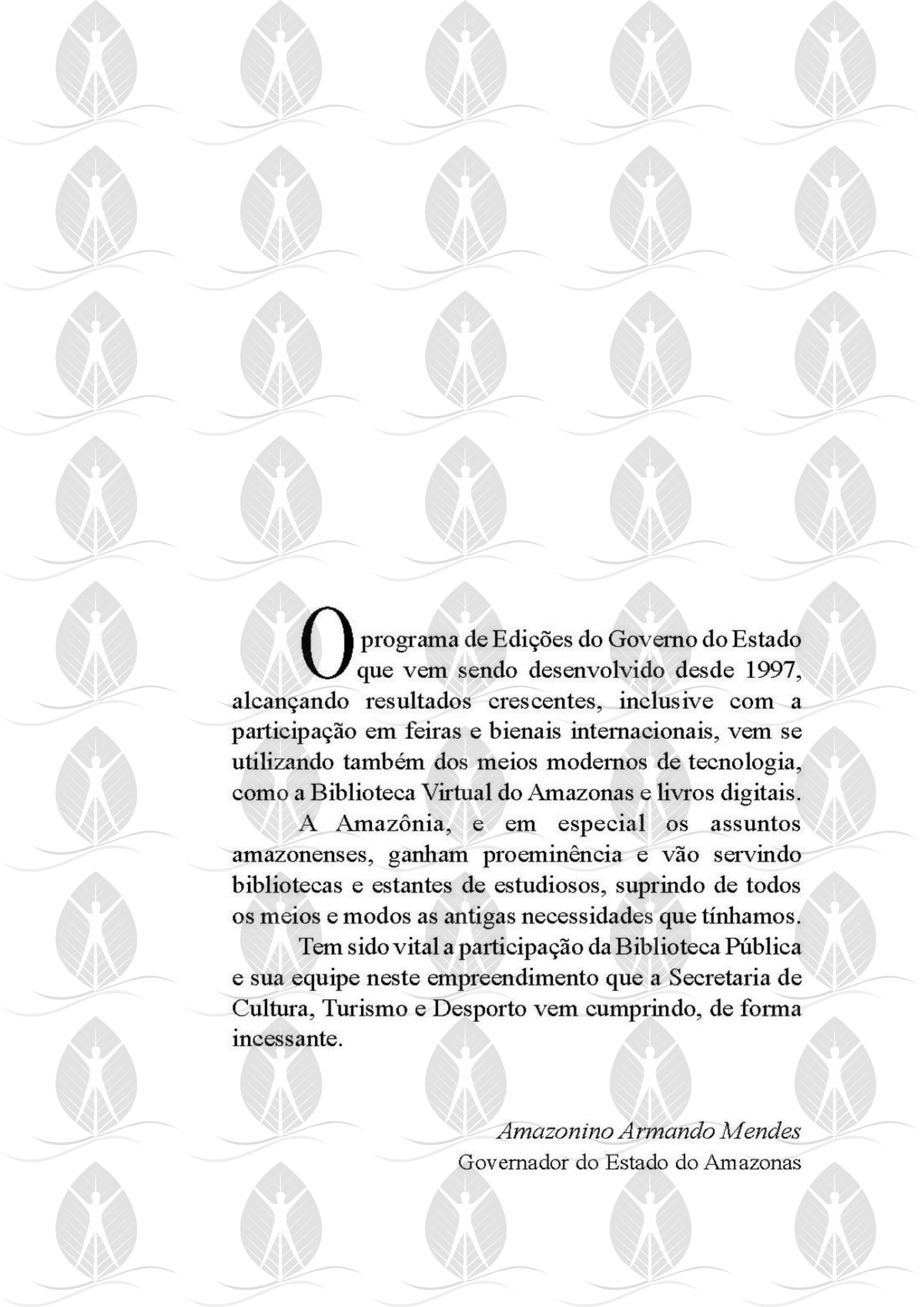
**AmM** Lima, Vivaldo Palma.  
**F.04**

A Inscrição da Gávea / Vivaldo Lima (fac-similado).  
Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas /  
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto,  
2002.

56 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 106

Raro

---



**O** programa de Edições do Governo do Estado que vem sendo desenvolvido desde 1997, alcançando resultados crescentes, inclusive com a participação em feiras e bienais internacionais, vem se utilizando também dos meios modernos de tecnologia, como a Biblioteca Virtual do Amazonas e livros digitais.

A Amazônia, e em especial os assuntos amazonenses, ganham proeminência e vão servindo bibliotecas e estantes de estudiosos, suprindo de todos os meios e modos as antigas necessidades que tínhamos.

Tem sido vital a participação da Biblioteca Pública e sua equipe neste empreendimento que a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto vem cumprindo, de forma incessante.

*Amazonino Armando Mendes*  
Governador do Estado do Amazonas

VIVALDO LIMA



# A inscrição da Gavea



1933

OFFICINAS GRAPHICAS DO "JORNAL DO BRASIL"  
Avenida Rio Branco, 112 Rio de Janeiro

# A inscrição da Gavea é de origem phenicia?

A CRITICA DE DAVID J. PERES E A TRADUÇÃO, FEITA POR BERNARDO RAMOS, DA INSCRIÇÃO DA PEDRA DA GAVEA.

---

O *Jornal do Commercio*, de 4 de Setembro do anno passado, publicou um artigo assignado por David J. Peres, com o titulo — “A inscrição da pedra da Gavea e a tradução do Sr. Bernardo Ramos” — e a data : Rio — Junho — 1932, — artigo que não póde deixar de merecer sérios reparos.

Esse professor foi levado a escrever tal artigo, por ter lido na *Revista da Semana*, de 30 de Abril de 1932, uma noticia sobre a decifração do *mysterio da inscrição da Gavea*, com transcrição de alguns trechos e gravuras da obra “Inscrições e tradições da America pre-historica”, por B. A. da Silva Ramos, a qual está sendo editada pela Imprensa Nacional.

Segundo declara o Prof. David J. Peres, depois da leitura da *Revista*, “a impressão foi contraria á que a emoção da novidade despertára” nelle. “O que acabava de lêr era, forçosamente, uma brincadeira”.

“Immediatamente” rabiscou “um artigo dizendo algo que pudesse despertar no archeologo o amôr proprio, provocando uma resposta ás perguntas que formulava”.

Teve, porém, “outra decepção : Fallando com alguém



que o conhecia pessoalmente”, foi “informado que Bernardo Ramos já não pertencia ao numero dos vivos; e” elle “não teria a desejada resposta”.

Por isso não pensou “mais no artigo, esperando, entretanto, que alguém se apresentasse a responder. Não havendo até agora apparecido escripto algum a respeito, e em attenção á cultura nacional” — pois conhecendo “no Rio e mesmo no interior do nosso paiz, modestos brasileiros que entendem de facto de taes assumptos”, tomou “a resolução de fazer alguns reparos a essa *traducção* que, como orientalismo humoristico, é a melhor pilheria que já appareceu nestes ultimos cincoenta annos, por estas bandas da America Latina”.

Vejamos se o *espontaneo procurador da cultura nacional* tem razão e se tem cabimento as expressões pejorativas e ridicularizantes escriptas contra quem, por ter fallecido, se não poderá, de modo algum, defender.

Até agora innumeraveis inscripções lapidares existentes na Asia, na Africa, na Europa e na America, haviam desafiado a argucia de muitos investigadores, sem que alguém se aventurasse a desvendar o mysterio da estabilidade do pensamento humano que ellas encerravam.

Appareceu no Amazonas um, Bernardo Ramos, que catalogou mais de 2.800, umas colhidas pessoalmente ,outras extrahidas de livros e de revistas, procurando fazer uma chave de decifração para que, de futuro, qualquer pessoa possa, com algum esforço, saber o que ellas dizem.

Gastou elle cerca de vinte annos de longos e pacientes estudos, e, para vulgarização dos resultados a que chegou, fez os mais exhaustivos esforços para publicar aquillo que escreveu, com o intuito honesto de abrir um novo caminho ás investigações futuras, em que outros, mais felizes talvez, encontrando o caminho já desbravado, possam chegar a fins mais positivos e incontestaveis.

Bernardo Ramos procurou prestar o seu concurso á epigraphia, adoptando um novo systema de interpretação.

Morreu, porém, sem ter tido a sorte de vêr sua obra publicada, afim de responder á critica dos eruditos e ás aleivosias dos insensatos.

Nem por isso a *cultura nacional* ficou até agora desmerecida, porque a obra ainda não circulou pelas mãos das pessoas competentes que tenham capacidade para corrigir os

enganos ou emendar os erros de interpretação existentes nella.

Uma simples noticia de *Revista* não pôde servir de base a uma critica justa, ponderosa e razoavel; por isso, o Prof. David J. Peres foi precipitado demais em escrever e dar opinião sobre aquillo que elle verdadeiramente não conhece.

Diz ainda no seu artigo : “Tanto quanto se conhece hoje da lingua phenicia, não se permite affirmar que os da Gavea sejam dessa origem”.



O inolvidavel epigraphista e  
archeologo brasileiro  
**BERNARDO RAMOS**

“O alfabeto phenicio era em geral representado por traços finos.. Além disso, os da Gavea nada de commum apresentam com os cananeos e em nada se lhes assemelham”.

“E não se digam que são primitivos”.

“E se primitivos fossem, estariam mais approximados das suas fórmãs ideogrammaticas, e assim o *álef* não seria esse coelhinho mais ou menos gorducho e sim, como nas inscripções primitivas, a cabeça de touro; o *beth*, como a palavra está dizendo, seria a figura da casa ou, mais corre-

ctamente. a da tenda de campanha, com o seu aspecto angular de pyramide; o *guimel* seria o camello ou, como mais tarde foi representado, a corcunda de dromedario; o *het* que ahi apparece estaria bem representado pela grade que traz. Consultem qualquer compendio dessa lingua e ahi encontrarão isso bem esplanado. Daqui se conclue que os taes signaes; não sendo recentes (isto é, do seculo que se lhes attribue), e de fórma nenhuma sendo primitivos, não são phenicios”.

Pelos conhecimentos rudimentares que o Prof. David J. Peres mostra ter da escripta phenicia, e mais especialmente de epigraphia, sua opinião sobre a origem dos caracteres da Gavea não pôde ser aceita como a ultima palavra sobre o assumpto.

Acha elle que os traços das letras phenicias devem ser sempre finos, quer sejam feitos em taças, em sarcophagos ou em outros monumentos funerarios para serem vistos de perto, quer sejam de grandes dimensões, esculpidos na rocha, para serem vistos a centenas de metros de distancia, como os dos caracteres da Gavea.

Em primeiro lugar, isso é desconhecer o que seja perspectiva, porque nenhum artista talha na rocha caracteres finos para serem lidos de longe. E em segundo lugar, é desconhecer tambem a acção corrosiva das aguas de chuva sobre a superficie de certas rochas, ora fazendo desapparecer uns traços, ora aprofundando ou alargando outros, conforme a intensidade das acções mechanicas ou das reacções chemicas, ou conforme ainda a uniformidade ou variabilidade na justaposição dos conglomerados crystallinos das estratificações.

Segundo o relatorio publicado no tomo primeiro da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, subscripto por Manoel de Araujo Porto Alegre, J. da C. Barbosa e José Rodrigues Monteiro, “a inscripção se acha collocada de uma maneira vantajosa a estas conjecturas: voltada para o mar, em uma face da rocha cubica, pouco escabrosa, com caracteres colossaes de 7 a 8 palmos. ao rumo L. S. E., pôde ser vista a olho nú de todas as pessoas que por alli passarem; e notavel é que os habitantes daquelles logares todos conhecem as letras da pedra. A inscripção assim collocada está exposta á furia das tempestades e dos ventos do meio-dia, e por consequencia, deve estar safada, tanto mais que o granito da pedra, em que está gravada, é de uma consistencia menos forte, por conter muito talco e mica. e na sua base existem tres concavições esboroadas que formam o aspecto do mascarrão”.

“O lugar onde está a inscrição pôde ser que em tempos remotos fosse mais aterrado, e que com os seculos tenha sido excalvado pelas continuas humidades, chuvas, e ventos do sul”.

Diz o Prof. David J. Peres que os caracteres da Gavea não são primitivos porque, se primitivos fossem, estariam mais approximados de suas fórmulas ideogrammaticas e o *álef* seria como nas inscrições primitivas uma cabeça de touro; o *beth*, uma casa ou tenda de campanha com o seu aspecto angular de pyramide; o *guimel* seria um camello ou a corcunda de um dromedario, o *het*, uma grade, etc., etc.

Ora, em que compendio o Prof. David J. Peres encontrou esta novidade de caracteres phenicios hieroglyphicos ou figurativos ?



A pedra da Gavea onde se encontra a inscrição  
(Revista da Semana)

“Os phenicios não copiaram servilmente os signaes graphicos egypcios, mas apenas adoptaram a idéa fundamental de escrever os sons e não os symbolos”. (F. V. Lorenz).

Ainda menos os hebreus. Nem o alfabeto archaico da inscrição de Siloé, nem o das pedras e moedas hebraicas, nem o proprio alfabeto quadrado actual, lembram de longe o symbolismo dos hieroglyphos egypcios.

Os nomes que as letras têm no hebraico “differem bastante dos nomes egypcios e dos animaes e objectos que representavam; assim, por exemplo, a letra A, que hieroglyphicamente é representada por uma *aguia* (*akhom*), em hebraico se chama *aleph*, o que significa *touro*; o B, repre-

sentado hieroglyphicamente por um pé, chama-se, em hebraico, *beth*, e significa *casa* ou *tenda*; o D, que hieroglyphicamente é representado por u'a mão, chama-se em hebraico *daleth*, isto é, *porta*", etc. — (F. V. Lorenz).

Pelas letras significarem os objectos, não quer dizer que ellas os representem figurativamente no hebraico e muito menos no grego.

"Tinha-se dado a cada letra phenicia um nome que passou ao grego, transformando-se um pouco; assim, *aleph* ('), *bet* (b), *guimel* (g), *dalet* (d) tornaram-se *alpha* (a), *beta* (b), *gamma* (g), *delta* (d), etc. O unico facto destes nomes passarem para o grego prova sua origem muito antiga, visto que os gregos os receberam dos phenicios ao mesmo tempo que as letras.

Tinha-se ensaiado explicar a fôrma das letras pelos nomes que ellas exprimem; a tentativa mallogra-se quasi sempre. *Aleph* significa boi; a letra do mesmo nome seria uma cabeça de boi; *bet* significa *casa*; o *bet* seria derivado da fôrma de uma casa; *guimel* significa camello, o *guimel* seria derivado da fôrma de um camello

Basta olhar o alphabeto de Ahiram para vêr que elle se afasta ainda mais dessas definições que o alphabeto de Mésa, sobre muitos pontos. E' bem evidente que, como o explica Dussaud, nem o primeiro elemento de seu nome era constituido pela letra que se queria representar, nem o nome tenha mais ou menos representado a silhueta da letra.

Em presença dos resultados antes negativos destas comparações, parece que os phenicios tiveram mais parte na formação do alphabeto quanto se não acreditava até aqui". — (G. Contenau).

"E' preciso dar aos phenicios o que, decididamente, lhes pertence. Elles foram os autores de uma das maiores invenções da humanidade, desde o dia em que romperam deliberadamente com as escriptas tão complicadas que estavam em uso, em que separaram vinte e dois sons simples permittindo notar as diversas articulações consonanticas de sua lingua e em que criaram um só systema de signaes de uma notavel simplicidade, no qual cada letra se distingue á primeira vista de todas as outras. Do primeiro momento, attingiram a perfeição : as deformações que o tempo fez soffrer ao seu systema não o tem melhorado.

O character artificial e original do alphabeto phenicio foi reconhecido por J. Halévy para certas letras que elles estimavam derivar umas das outras. O texto de Ahiram reforça consideravelmente esta conjectura. Não sómente po-

demos tel-a por demonstrada, como podemos extendel-a a todo o alphabeto”. — (Dussaud).

Pelas citações que acabo de fazer, fica demonstrado que nenhum epigraphista poderá vêr nos caracteres da inscripção da Gavea, *algum coelhinho mais ou menos gorducho*, como o Prof. David J. Peres viu por uma illusão de optica, e tão pouco verá alguma *cabeça de touro, casa ou tenda, camello ou corcunda de dromedario, grade, etc.*; que não existem em compendio algum que trate de escripta phenicia, representando caracteres phenicios.

Os raros orientalistas que ainda hoje admittem a origem directamente egypcia dos caracteres phenicios, adoptam as conclusões dos sabios egyptologos Emmanuel de Rougé e Francisco Lénormant, de que “os phenicios tomaram seus signaes alphabeticos primitivos, não da escripta hierogly-



A inscripção da pedra da Gavea.  
(Bernardo Ramos)

phica primitiva, porém, da hieratica, facto muito conforme com a maior facilidade de traçado que offereciam os signaes hieraticos reduzidos a seus traços essenciaes e elementares, e, condição principal de uma escripta commoda, é ser cur-siva e expedita”.

A hypothese de Champollion, de que as letras phenicias se tinham originado dos hieroglyphos egypcios, e a de E. de Rougé e Francisco Lénormant, de que os phenicios tomaram seus signaes alphabeticos primitivos da escripta hieratica, são hoje hypotheses obsolêtas. Ha tambem uma hypothese da origem cananéa, uma outra que sustenta a origem sinaítica, isto é, de um alphabeto intermediario entre o egypcio e o phenicio, e ainda outra que sustenta a origem cuneiforme.

A tendencia moderna, porém, é admittir, para o phenicio, ou a origem puramente cretense, fundamentalmente egéa, ou um ecletismo do cretense e do egypcio, por precisarem ainda as inscripções cretenses de um Champollion para totalmente as decifrar.

A origem do alphabeto phenicio tem sido interpretada, entre outros, pelos systemas dos Doutores hebreus, do presbytero Drival, de Carlos Lénormant, de Emmanuel de Rougé e Francisco Lénormant, de Abel Hovelacque, de A. H. Gardiner, de Evans, Hall e Dussaud, e de Sundwall e Gustavo Glotz.

No systema dos Doutores hebreus, “as letras phenicias e os alphabetos hebreus, archaico e quadrado, não são cópia nem derivação de nenhum dos signaes graphicos usados nos remotos tempos : provêm essas letras de hieroglyphos originaes, cujas figuras estão claramente indicadas com os nomes que têm no alphabeto cananeo e no hebraico”.

O orientalista Alvarez de Peralta, fazendo-lhe a critica, diz : “Pecca por inexacto este systema, porquanto não existe essa cabal correspondencia entre o significado vulgar do nome de cada letra e sua figura. Que semelhança tem, nos mencionados alphabetos, com uma casa ou uma tenda, o signal graphico da letra *thaw iod beth*, com um camello *lamed men iod guimel*, com um animal *thau iod hheth*, etc., etc. ? Nenhuma. A desconformidade entre as figuras das letras e o significado vulgar de seus respectivos nomes nota-se, com excepção de quatro ou cinco, em um e outro alphabeto. A explicação dessa desconformidade é clara, e é óbvio que esses signaes graphicos foram traçados : 1.º para indicar que a articulação glotica inicial de seus respectivos nomes fazia o officio de simples elemento alphabetico; 2.º, para cifrar nas figuras delles e em suas fórmulas nominaes a expressão ideologica, fixada nos hieroglyphos primitivos, donde cada um desses signaes graphicos procede”.

Posto que Alvarez de Peralta admitta a proveniencia egypcia de muitas letras phenicias, julga que outras têm origem diversa, pois que : “Não cabe duvida acerca da origem hieroglyphica das letras chamadas cananeas ou phenicias; pôde-se, porém, assegurar que suas figuras não provêm unicamente dos hieroglyphos egypcios. As letras *hheth* e *thau*, por exemplo, do alphabeto phenicio e do hebreu archaico, são cópia exacta, respectivamente, dos caracteres radicaes 24 e 72 da escripta chinesa, com identica expressão ideologica”.

No systema de Carlos Lénormant, “os phenicios escolheram, entre a multidão dos hieroglyphos egypcios, certo numero delles, cujas fórmulas exteriores, pelo elemento glotico inicial, que cada uma dellas tinha na lingua cananea, fizeram os officios de signaes graphicos representativos desses elementos puros das vozes articuladas”. — (Alvarez de Peralta).

Este systema pôde ser resumido, segundo diz Lénormant, no seguinte : “1.º, Emprestimo ao Egypto do principio do alphabetismo e do methodo acrologico para a escolha dos caracteres destinados a representar as differentes articulações; 2.º, Emprestimo igualmente feito á mesma origem do systema, segundo o qual são traçadas as fórmas exteriores affectadas ao papel de letras; 3.º, ao mesmo tempo, porém, valores novos para estas fórmas exteriores, cujos valores são lidos na lingua phenicia, segundo o mesmo methodo e o mesmo principio que tenha feito lêr pelos egypcios, em sua propria lingua, os valores das imagens que elles empregavam alphabeticamente”.

No systema do prebytero Drival, “as fórmas primitivas do alphabeto phenicio provêm de hieroglyphos egypcios : estas fórmas e as que têm as letras dos alphabetos samaritano, hebreu, syriaco, arabe cúfico, etrusco e latino archaicos, etc., servem de modelos ao sabio presbytero para comparar cada uma dellas com as figuras de varios hieroglyphos. Daqui se deduz que as diversas fórmas graphicas representativas, por exemplo, da letra A, se derivam, neste systema, de seis hieroglyphos”.

No systema de Emmanuel de Rougé, a fórmula exterior de cada letra phenicia deriva de um signal da escripta chamada hierática pelos egyptólogos.

Segundo elle proprio diz, o seu systema pôde resumir-se no seguinte : “1.º, Escolher o typo phenicio mais antigo. 2.º, Reconhecer a fórmula dos caracteres egypcios curvivos em uma época tão recuada quanto aquella em que se pôde collocar a origem do alphabeto semitico. 3.º, Os caracteres a comparar deverão ser escolhidos de preferencia entre os signaes alphabeticos. 4.º, A comparação será estabelecida signal a signal, conformando-se á correspondencia das articulações nas duas linguas. 5.º, Deveremos em seguida fazer resahir as semelhanças das letras assim comparadas e procurar explicar as differenças estudando as circumstancias que têm podido dominar suas modificações respectivas”.

Tornando-se partidario extremado deste systema, a ponto de dizer que elle tinha resolvido a questão da origem das letras do alphabeto phenicio, Francisco Lénormant, porém, affirma : “Nem uma só vez a nomenclatura retida pelos hebreus coincide com a verdadeira origem hieroglyphica dos signaes”.

E acrescenta : “E’ preciso, pois, considerar esta nomenclatura como uma invenção posterior, combinada quando a tradição da verdadeira origem das letras estava obliterada já pelo effeito do tempo, — o que, entre parenthesis,



conduz a transportar para bem alto o ponto de partida da existencia do alphabeto phenicio, visto que um effeito que demanda necessariamente, como este, um lapso bastante consideravel de tempo havia decorrido antes da diffusão do alphabeto na Grecia, attribuida pela lenda a Cadmus. Poder-se-ia conjecturar, com bastante plausibilidade, que o estabelecimento da nomenclatura, de que falamos, foi contemporanea da fixação da disposição da série das letras, que tambem não parece remontar á origem e á primeira invenção”.

Posto que o systema de Rougé tenha feito época, Levy-Bing, contestando-o, diz : “Quanto á semelhança dos caracteres hieraticos egypcios com os caracteres phenicios archaicos, temos pena de não poder compartilhar da opinião do Visconde de Rougé e de Fr. Lénormant”.

No systema de Abel Hovelacque o phenicio não tem ligação directa com o egypcio.

Assim, argumenta : “Póde-se dizer sem receio que existiu uma lingua cananea commum que deu nascimento, no decorrer dos tempos, ao hebreu e ao phenicio. Estes dois idiomas são irmãos, é preciso collocal-os sobre a mesma classe e se exprime uma opinião inteiramente inexacta, dizendo, como se faz muitas vezes, que o phenicio é um dialecto do hebreu. Este erro remonta á época em que se procurou interpretar pela primeira vez os documentos phenicios”.

“Cita-se entre as differenças do hebreu e do phenicio, a propriedade que tinha este ultimo idioma de empregar na linguagem corrente e usual um certo numero de expressões e de fórmulas que passam em hebreu como puros archaismos ou não são usados senão no estylo elevado. Um certo numero de palavras phenicias tem uma accepção diversa de seus correspondentes em hebreu ; ora é em um sentido largo, ora é em um sentido mais resticto. O phenicio possúe, de outra parte, uma fórmula de pronome relativo mais primitivo que a fórmula hebraica e se distingue ainda por algumas outras particularidades, assás bem conhecidas hoje, porém, que não temos de enumerar aqui em seus detalhes”.

“O *punico*, ou phenicio da Africa, notadamente a lingua dos carthaginezes, divide-se, de um modo bastante claro, em dois dialectos, — um mais antigo, outro mais recente. O antigo punico é identico ao phenicio da Palestina. O neo-punico é mais alterado e sua orthographia é muitas vezes viciosa”.

“O alphabeto neo-punico differe notavelmente do antigo alphabeto phenicio, do qual elle não é aliás, senão uma alteração. Os caracteres são ahi, em geral, bastante simpli-

ficados, e succede que se encontram reduzidos a uma simples linha e se confundem quasi uns com os outros”.

No systema de Deecke, procura-se a origem do alphabeto phenicio na escripta cuneiforme.

“Deecke facilmente encontrou na massa dos caracteres cuneiformes 22 signaes sobre os quaes elle pôde apoiar a sua these, porém, os retirou das escriptas de épocas e de logares muito diversos, o que tira muito valor a estas comparações”. — (G. Contenau)..

No systema de A. H. Gardiner, o alphabeto phenicio tem uma origem sinaitica. Este illustre orientalista copiou sobre monumentos provenientes da peninsula do Sinai, inscripções em uma escripta que, á primeira vista, parecia meio hieroglyphica e meio linear. Procurou elle explicar os que tinham apparencia de hieroglyphos egypcios por acrophonia e de igual maneira os que pareciam aparentados a



A inscripção da pedra da Gavea, como deveria ter sido, nos seus primeiros tempos, segundo Bernardo Ramos

alguns alphabetos archaicos, semiticos e gregos, obtendo um certo numero de letras que serviram de base á sua decifração; e aquelles que têm applicado esta theoria, pensam ter encontrado o modo integral de decifrar a escripta sinaítica.

“Sendo dado que parece não se poder estabelecer filiação entre o alphabeto phenicio, os do grupo semitico da Arabia e os alphabetos gregos archaicos, porém, que se é levado a consideral-os como procedentes de uma origem comum mais archaica, Gardiner concluiu que teremos este prototipo nas inscripções do Sinai; elle decifrou sobre algumas pedras a palavra Baalat; outros foram mais longe neste caminho”. — (G. Contenau).

No systema de Evans, Hall e Dussaud, o alphabeto phenicio tem uma origem cretense, e a maior parte dos signaes cretenses é autochtona.

O archeologo Kalokaerinos havia descoberto em Creta, gravados nos muros do palacio de Minos, uns signaes ou typos alphabeticos, de um caracter particularissimo, representando um systema graphico até agora desconhecido, pertencente a um periodo anterior ao emprego do alphabeto

grego mais archaico. Varios especalistas dirigiram suas vistas para esta importante descoberta, e Evans, fazendo suas investigações em Cnossos, antiga capital da Ilha, completou as noticias que Kalokaerinos dera a conhecer sobre este primitivo alphabeto cretense.

Evans, do grande numero de inscrições que estudou, pôde reconstruir um alphabeto de 82 signaes pictographicos e outro alphabeto linear composto de 32 signaes, com estreitas relações com aquelles caracteres pictographicos, concorrendo ambos systemas na mesma inscrição, o que prova que se usavam indistinctamente. Além disso, comprovou relações positivas entre os alphabets cretenses, chypriotas e hetheus.

A' vista da grande antiguidade dos caracteres alphabeticos descobertos por elle em Cnossos, Evans opinou que a escripta phenicia pôde ter-se derivado não da egypcia, como geralmente se acredita, porém da cretense, pois entre os signaes desta e os usados pelos phenicios, existem analogias evidentes.

Hall, fazendo o estudo dos caracteres cretenses, chegou ás mesmas conclusões de Evans.

Adoptando estas conclusões, Reinach disse que os phenicios que deram ao mundo moderno seu alphabeto, não o receberam por sua vez do Egypto, mas dos predecessores dos helenos, isto é, dos pelégios, e em particular dos cretenses, e isso pôde acontecer para o seculo XVI antes de Christo, em cuja época os mercadores tyrios e sidonios é provavel que deixassem de usar os typos cuneiformes, que aprenderam dos assyrios, para valer-se, como mais commodo, dos cretenses.

Flinders Petry parece confirmar esta opinião com duas descobertas archeologicas de umas taboinhas, em Tell-el-Amarna, contendo a correspondencia entre os pharaós egypcios e os principes da Syria.

J. Vendryes diz : "O alphabetismo foi o ultimo aperfeiçoamento da escripta. Exigiu-o a necessidade de notar as vogaes sem multiplicar os signaes do syllabario. O syllabario semitico teve de estar, em determinada época, provido de symbolos vocalicos, chamados *matres lecciones* para facilitar a leitura. No alphabeto grego, o principio das *matres lecciones* foi habilmente utilizado para criar um signal especial para cada vogal. Renan disse que "o alphabetismo é uma criação dos semitas". E' possivel. Porém, já não se sustenta hoje com tanta firmeza a antiga doutrina segundo a qual o alphabeto grego proviria dos phenicios. Dussaud propoz, pelo

contrario, attribuir a honra do alphabeto á civilização egéa, a que está representada — por certo muito deficientemente — pelos monumentos de Creta. Dos egeus tomaram tanto os gregos como os phenicios, seu respectivo alphabeto. Em todo o caso, o alphabeto phenicio exerceu sua influencia no alphabeto grego, como o prova o numero das letras gregas”.

Aliás, esta theoria da origem cretense, que parece nova, talvez seja a mais antiga de todas, porque, affirma G. Glotz : “De accôrdo com os cretenses da época hellenica que haviam conservado recordações muito claras de seus predecessores, o historiador Diodoro declara que os phenicios não haviam inventado suas letras, mas a tiraram de Creta”.

No systema de Sundwall, Dussaud e G. Glotz, o alphabeto phenicio devia ter tido uma origem eclectica, isto é, devia ter sido derivado do cretense e do egypcio.



טדרר פדיכיס'ינח באדזיר רב יהטתבנחל

LA ABHTEJ BARIZDAB NAISINEOF RUZT

**TYRO PHENICIA. BADEZIR PRIMOGENITO DE JETHBAAL.**

Na primeira linha, caracteres phenicios destacados da inscripção da Gavea, que o Prof. David J. Peres suppoz serem caracteres gregos

Para Sundwall a escripta cretense não é autochtona, “os escribas cretenses copiaram a maior parte dos seus signaes pictoricos, hieroglyphicos e lineares dos prototypos egypcios e só tiveram alguma independencia, mercê da necessidade imposta pela differença da lingua”.

Sundwall é o primeiro em reconhecer a originalidade de que deram prova os escribas cretenses, em pontos de importancia. Os hieroglyphos egypcios tinham um valor acconsonantado que os havia assignado o principio acrophonico, isto é, a inicial da palavra era que designava o objecto representado. Os semitas do Sinai se limitaram a dar aos signaes egypcios os nomes correspondentes segundo o mesmo principio seguido pelos semitas de Accad a respeito dos signaes sumerios. Os cretenses foram mais além : expressaram sons que faltavam aos egypcios, por exemplo a letra l. Além do que, como acredita Sundwall, de accôrdo com a escola allemã, a escripta egypcia era puramente consonantica, attribuinto aos cretenses o merito de haver accrescentado a seus caracteres um valor de sons vogaes.

O mais simples, portanto, é admittir não sómente que os phenicios se serviram das fontes cretenses, tanto como das egypcias, senão que os cretenses e os egypcios utilizaram igualmente a fonte primitiva das escriptas neolíticas. As escriptas phenicia e cretense não são ramos sahidos do mesmo tronco; uma é um producto relativamente tardio e composto que deve, por outra parte, mais ao Egypto que a Creta. A outra não chegou de fóra formada de todo, senão que se desenvolveu espontaneamente, com toda independencia, antes de serem assimiladas algumas concepções religiosas estrangeiras, instituições politicas, e quiçá tambem, os signaes exóticos que expressavam estas idéas novas. Duas particularidades fundamentaes da escripta cretense bastariam para demonstrar que não tem as mesmas relações de filiação que as escriptas semiticas: vae da esquerda para a direita, algumas vezes com retorno da direita para a esquerda (*boustrophedon*) e apresenta as figuras dos sêres animaes de espadua para o leitor, enquanto a escripta dos egypcios, vae da direita para a esquerda, como as dos babilonios, hetitas e semitas, e apresenta a cara ao leitor.

A escripta cretense passou por si mesma do periodo puramente figurativo ao periodo hieroglyphico, cada vez mais eschematico, e depois ao dos caracteres lineares". — (G. Glotz).

Partidario do eclecticismo de Sundwall, Gustavo Glotz assim se expressa :

"A questão do alphabeto phenicio se aclara sensivelmente, se a situarmos neste conjuncto historico. No seculo XIV, quando os principes da Syria se communicavam com os pharaós, empregavam os signaes cuneiformes, e seus successores conservaram este systema de escripta até o fim do seculo XII. Porém, neste intervallo, os keratins, engrossados com os peleratis, haviam chegado de Keftor a Canaan. A Palestina se havia convertido á civilisação egéa e os emigrados acclimataram sua agricultura, industria, usos militares, religião e escripta, na nova patria. Nas cidades mais modestas, os chefes tinham archivos e escribas, como o rei Cnossos; quando para 1.117, o sacerdote egypcio Unamonu se apresentou entre os zakkaras, em Dor, o principe Badira pediu-lhe suas credenciaes e lhe mostrou as listas de presentes enviados a seus antepassados. Desde esta época os povos estabelecidos nas vizinhanças de Canaan mereceram o nome de keftis, que lhes deram todavia os egypcios da época ptolomaica, e o de phenicios, ou "pelles vermelhas", como foram sempre designados entre os gregos. Para satisfazer as necessidades do seu commercio, compuzeram um al-

phabeto que, chegando ao fim da evolução seguida até então, por todas as demais escriptas, decompuzeram a palavra em sons simples e tiraram dos syllabarios vinte e duas letras. Pois bem, um terço destes caracteres leva nomes que não são explicaveis em nenhuma das linguas semiticas e têm fórmãs conhecidas pelos systemas lineares e hieroglyphicos de Creta. Quanto aos outros caracteres, se considera que representam objectos que, conforme os nomes phenicios, são precisamente aquelles que reproduzem realmente os hieroglyphos tanto cretenses como egypcios. Por conseguinte, a maior parte deste alphabeto pôde ser uma prolongação das escriptas semiticas extrahidas do Egypto; pôde, porém, derivar tambem dos hieroglyphos cretenses por medição dos lineares A e B; em todo caso, as letras cujo nome estrangeiro se conservou na traducção, têm todo o aspecto de haver sido transmittidas aos phenicios pelos philisteus, herdeiros dos cretenses.



A inscripção de Eshman. (G. Contenau)

O mesmo alphabeto phenicio entra na série dos systemas locais que, apesar das diferenças mais ou menos accentuadas, se relacionam mutuamente e por sua vez com o de Creta. Porém o ultimo a chegar e o mais perfeito. Nesta occasião, como em todas, os phenicios não tiveram o dom da invenção; seu merito, ao percorrer o Mediterraneo em busca de negocios, tão só havia de constar em infundir uma nova e eterna vida na escripta que os gregos haviam deixado quasi perecer”.

Estudando estes differentes systemas imaginados para a interpretação da escripta phenicia e o conhecimento exacto da lingua falada por este povo, que exerceu um papel

tão preponderante na historia da civilização, verifica-se que os orientalistas ainda não puderam resolver definitivamente o problema. Dahi esta variabilidade de systemas, ora appellando-se para o egypcio hieroglyphico ou hierático, ora para o cananeu, ora para o sinaítico, ora para o assyrio-babylo-nico cuneiforme, ora para o cretense, como tivemos occasião de verificar. A difficuldade em que se têm encontrado os orientalistas é a resultante apenas da pobreza dos textos de proveniencia phenicia.

Quem lê a critica do Prof. David J. Peres, pensa que, da lingua phenicia, existe um vocabulario systematizado, de modo a um epigraphista fazer uma traducção impecavel.

As regras seguidas até agora nas interpretações, são apenas de analogia com outras linguas do mesmo tronco linguistico, ou em que se possam obter valores phoneticos approximados, classificadas em epigraphia de linguas intermediarias para as decifrações.

Nas linguas de flexão, a homophonia facilita a transliteração; nas linguas monosyllabicas, a polyphonia é obstaculo que se poderá considerar insuperavel.

Bernardo Ramos incluiu em sua obra diversas inscrições que por elle foram attribuidas serem de origem phenicia : as das pedras de Itacoatiara e das Lages e a da pedra da Gavea.

Adoptando o methodo da homophonia, serviu-se do hebraico como lingua intermediaria na traducção epigraphica das pedras de Itacoatiara, seguindo naturalmente o mesmo methodo para a inscrição da Gavea, decifrada posteriormente.

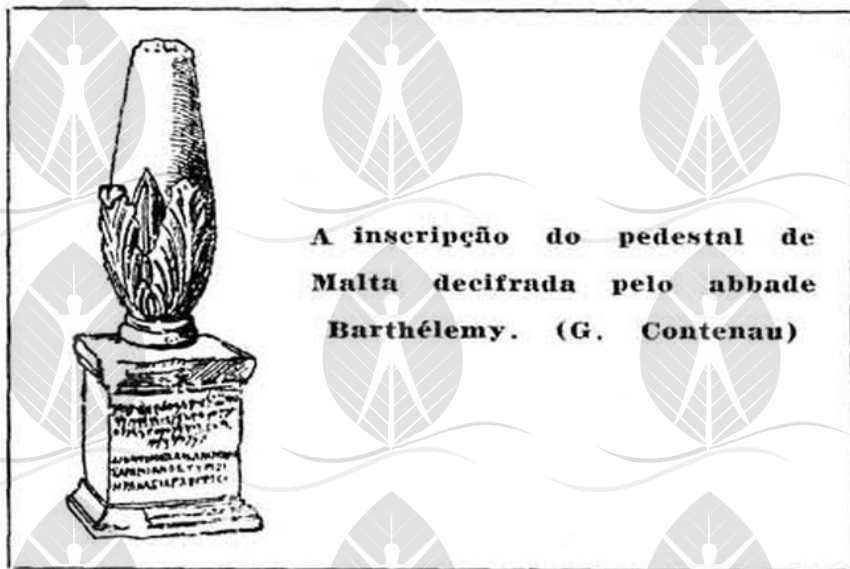
No proprio artigo que deu margem á critica, encontra-se este trecho de Bernardo Ramos "Reconstruir exactamente uma inscrição lapidar, cuja origem remonta a seculos, é tarefa extremamente difficil e demanda a mais profunda cogitação. Por um lado, ter-se-á que vencer o aniquilamento ou alteração dos caracteres pelos elementos corrosivos; por outro, a complexidade daquelles, na razão de seu uso, no momento dado, além de suas annexões, inversões e suppressões de vogaes, casos frequentes em legendas, inscrições, medalhas, sinetes, moedas, pedras votivas. E, finalmente ter-se-á que fazer adaptações de caracteres de outros alphabets do mesmo tempo. Convém notar que uma só letra do alphabeto phenicio é representada por duas e até tres fórmãs, o mesmo acontecendo com o grego antigo".

Elle refere-se aqui ao grego, porque a quasi totalidade

das inscripções de sua obra é em grego paleographico e grego archaico de inscripção.

Na *Revista da Semana*, em que foi publicada a noticia sobre a obra, vê-se a inscripção da Gavea de tres modos diferentes : como foi ella publicada no primeiro tomo da *Revista do Instituto Historico*; como deveria ter sido (*são os retoques verificados pelo Prof. David J. Peres*); e como seria, se os caracteres fossem destacados do conjunto lapidar.

Foi a esses caracteres destacados que o autor da noticia da revista chamou, por engano, de *gregos*, fazendo com que o Prof. David J. Peres dissesse então, no seu artigo : “Não sei se os caracteres ahi estampados são gregos. Não



sou helenista. Acredito, comtudo, que nunca se viram taes signaes em inscripção alguma de fonte helenica”.

“O autor dessa traducção parece que desconhecia a archeologia oriental, pois dessa transliteração resultou um mostrengo que fará rir a qualquer pessoa conhecedora desses trabalhos”.

O que faz rir, não é a transliteração do autor criticado, porque elle falleceu cerca de quatorze mezes antes de publicada a noticia; o que faz rir, não é o engano do noticiarista, porque teve elle o intuito nobre de dar um furo de reportagem; o que faz rir é o Prof. David J. Peres, mettendo-se a critico, não perceber que eram os caracteres destacados da inscripção e admittir ou julgar que elles fossem realmente caracteres gregos !

Ora, se o Prof. David J. Peres não conhece os alphabets archaicos, como se quer aventurar a ser critico de trabalhos epigraphicos ?



Fallei anteriormente da deficiencia do numero de textos em escripta phenicia, porque elles são realmente muito reduzidos, justificando a divergencia dos systemas interpretativos.

São esses textos os seguintes :

Inscrição do tumulo de Ahiram, decimo terceiro seculo (A. C.); fragmento da estatua de Sheshonq, consagrada a Abibaal, correspondente ao ultimo terço do seculo decimo (A. C.); fragmento da estatua de Osorkon, dedicada a Elibaal, do fim do seculo decimo (A. C.); estéla de Mêsá, rei de Moab, correspondente ao meio do seculo nono (A. C.); inscrições de Nora, na Sardenha, do fim do seculo nono (A. C.); inscrição de Kolamu de Zendjirli, do fim do seculo nono (A. C.); inscrição de Zendjirli, da primeira metade do seculo oitavo (A. C.); e inscrição ao Baal do Lybano, de Chypre, correspondente ao meio do seculo oitavo (A. C.).

Relacionam-se ainda entre os textos importantes, a estéla de Biblos e as inscrições da dynastia de Eshmunazar, da época persa.

Existem tambem as inscrições das moedas phenicias espalhadas pelas collecções numismaticas, das quaes a collecção organizada por Bernardo Ramos e hoje pertencente ao Estado do Amazonas, tem alguns importantes exemplares.

A esta lista podemos addicionar a inscrição das pedras de Itacoatiara, a das Lages e a da pedra da Gavea, tambem de origem phenicia.

Destas inscrições, actualmente conhecidas, nem todos os caracteres têm uma uniformidade morphologica. Dahi terem sido organizados varios alphabets para a traducção da escripta phenicia: o do tumulo de Ahiram e o da estela de Mêsá, considerados archaicos, o phenicio-sidonico, o phenicio-punico, e o phenicio néo-punico.

E' admissivel que Bernardo Ramos, tendo de traduzir tres inscrições phenicias, criasse até um alphabeto especial, como os traductores das inscrições de Ahiram e Mêsá que formaram um alphabeto para cada uma dellas. Accresce a circumstancia de que a inscrição da estéla de Mêsá, posto que feita com caracteres phenicios, foi redigida na lingua do dialecto moabita, parente proximo do phenicio e do hebraico. A inscrição de Itacoatiara bem póde estar tambem redigida em um ou outro dialecto qualquer, visto como Bernardo Ramos só encontrou homophonia para sua interpretação no hebraico rabbinico.

Se o Prof. David J. Peres comparar os alphabets phenicios vulgarizados, com o empregado por Bernardo Ramos na sua obra, ha de verificar que não tem aberrações morphologicas para serem classificadas de *mostrengos*.

A causa a que se deve attribuir a escassez das inscrições de origem phenicia tem sido objecto de investigações dos archeologos.

Habitando um paiz de pequena importancia politica, não puderam os phenicios deixar monumentos como os assyrios, os babilonios e os egypcios.

Dados ao commercio, é provavel que tenham feito largo uso da escripta em papyrus que o tempo e humidade do clima se encarregaram de destruir, enquanto a seccura do clima egypcio pôde conservar papyrus de épocas anteriores.



O sarcophago de Ahiram. (G. Contenau)

As inscrições dos monumentos funerarios, que ainda se encontram, devem sua conservação a serem ellas feitas sobre basalto de grande dureza, que tem resistido á acção deleteria do tempo.

Na sua critica, diz o Prof. David J. Peres : “O alphabeto phenicio, que se compõe de 22 (vinte e duas) letras, é syllabico, isto é, cada signal equivale a uma syllaba de dois ou tres phonemas e não a um só, como acontece com o alphabeto portuguez. Os signaes vocalicos são subentendidos, e conhecendo-se a lingua, já se pôde prescindir delles”.

Existem diversos alphabets phenicios, como tive occasião de dizer, porém, todos representados por vinte e duas consoantes que davam os sons da lingua, não havendo vo-

gaes que os phenicios não escreviam. Todas ellas, porém, passaram para o hebraico e para o grego com os sons relativamente approximados. Havia consoantes fortes e consoantes fracas. Foram estas que ao passarem para o hebraico e para o grego, transformaram-se, ou melhor, degradaram-se (como diz Hovelacque) em vogaes.

A fixação do pensamento tem sido feita pelo ideographismo, pintura das idéas, ou pelo phonetismo, representação dos sons.

“Podem se representar as idéas de duas maneiras : directamente, pela figura dos objectos mesmos; simbolicamente, pela reproducção de um objecto material ou de uma figura conveniente para significar uma idéa abstracta. Podem-se representar os sons de duas maneiras : por syllabas, representando um só signal o conjuncto que fórman uma ou varias consoantes e uma vogal; por caracteres alphabeticos que representam uma só consoante ou uma só vogal”. — (G. Maspero).

Ha linguas que têm passado por uma phase syllabica, uma agglutinante e outra de flexão, ou ficam estacionadas em uma dellas, ou já surgem em uma das duas ultimas phases.

“Antes de ser systema de flexão, o systema semitico tinha sido agglutinante, e precedentemente tinha sido monosyllabico”. — (Abel Hovelacque).

Na época das inscrições conhecidas, já o phenicio era lingua de flexão.

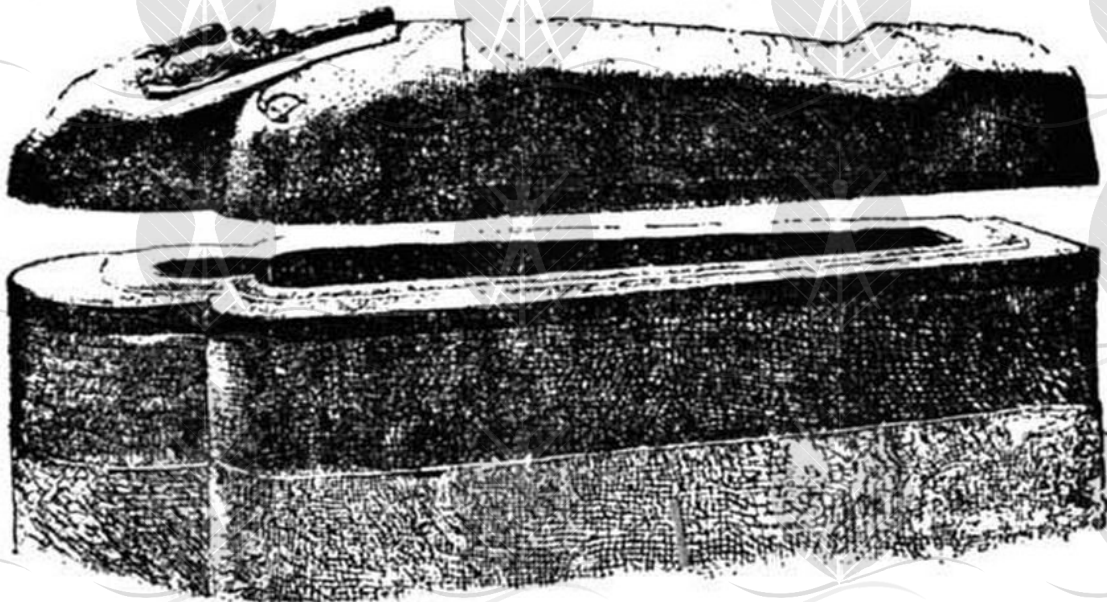
“Como as outras linguas semíticas, o phenicio é caracterisado pela presença de palavras raizes que, por affixos, suffixos e modificações internas, dão as differentes “nuances” necessarias á expressão do pensamento. Estas raizes são ordinariamente formadas por tres letras. As linguas semiticas possuem ainda outros caracteristicos, notadamente a conjugação dos verbos. Como o phenicio, do mesmo modo que a maior parte das antigas linguas semiticas, não escrevia as vogaes, ficamos muitas vezes indecisos sobre a pronuncia de certas palavras, assim como sobre a fórma grammatical exacta empregada. Mesmo agora somos extremamente pobres em inscrições phenicias, de fórma que si se põe de parte as inscrições dedicatorias assás monotonas, os textos phenicios que estão á nossa disposição não passam de algumas paginas; conhecemos a morphologia, isto é, a grammatica da lingua, mas seu vocabulario nos é pouco familiar”. — (G. Contenau).

O syllabismo do phenicio das inscrições é illusorio,

porque nas transposições para o hebraico ou mesmo para o grego, as vogaes destas linguas, que derivaram do abrandamento consonantal do phenicio, fórmam as syllabas, e quando ellas não existam explicitas, subentendem-se, porque nas linguas de alphabeto consonantal, nem em lingua alguma, ha articulação, mesmo as mais gutturaes, em que não se percebe a vibração correspondente a uma vogal, e por isso é que se diz ser articulação consoante, isto é, soar com uma outra emissão sonora secundaria.

E' exactamente a emissão sonora principal da articulação das consoantes que representa o chamado accento expiratorio das consoantes por Van Ginneken, e, quando reforçado, é o accento que Rosengren descobriu, fazendo girar em sentido inverso um rôlo ou disco de phonographo.

Na escripta phenicia, mesmo que não existam signaes ou caracteres correspondentes ás vogaes, estas têm de ser



O tumulo de Eshmunazar. (G. Oncken)

subentendidas, sem que o alphabeto seja por isso syllabico, e muito menos syllabica a lingua phenicia, cuja flexão é evidentemente indiscutivel.

“Dos trabalhos dos egyptólogos, resulta que o egyptico das épocas classicas, isto é, da decima e da decima oitava até a vigesima dynastia, possuia vinte e duas articulações differentes. Servia-se, para exprimir cada uma dellas, de um ou de alguns signaes alphabeticos.

Os signaes diversos que podem exprimir uma mesma articulação, como o encosto da cadeira e o ferrolho, exprimindo igualmente o s, são chamados *homophonos*, isto é, iguaes em sons”. — (F. Vigouroux).

Provavelmente a identidade do numero destas vinte e duas articulações com a do numero dos caracteres phenicios tem servido como um dos fundamentos dos systemas que admittem a origem egypcia da escripta phenicia.

Tratando da escripta egypcia, diz ainda F. Vigou-roux : “Na escripta ordinaria, encontra-se a cada instante, misturados aos signaes alphabeticos, outros signaes que exprimem por si sós uma syllaba completa e que se chamam, por este motivo, syllabicos. Assim, o signal da agua corrente que vemos exprimir o *n*, torna-se, quando é tres vezes superposto, um signal syllabico que se lê *mu*; o hieroglypho do olho se lê *ar*, o da arvore *am*, o da abelha *af*, etc.

A maior parte dos signaes syllabicos são polyphonos, isto é, susceptiveis de representar alguns sons. Assim, a estrellá pôde se lêr *sb* ou *du*. Para evitar a incerteza que teria resultado do valor multiplo dos hieroglyphos, os egypcios imaginaram ajuntar-lhes o que se chamam complementos phoneticos.

Dá-se este nome a uma ou algumas letras que exprimem phoneticamente uma parte da palavra escripta em caracteres polyphonicos. Assim, o signal hieroglyphico do cavallo a galope é polyphono e se pôde lêr *nefer* ou *sem* : é preciso lêr *nefer* se é seguido, como complemento phonetico, do hieroglypho da bocca, que representa a letra *r*; ao contrario, é preciso lêr *sem*, se é acompanhado do môcho, que corresponde á letra *m*.

Ao lado dos signaes alphabeticos encontra-se um grande numero de signaes ideographicos. Servem algumas vezes para escrever um nome que se exprime na linguagem por uma palavra mais ou menos longa : assim a cruz, com aza, se lê *anh* e significa *vida*. Porém, a maior parte não se pronuncia e é destinada a determinar a significação da palavra que elles acompanham, donde seu nome de determinativos. Por exemplo, o verbo *âmi*, que significa comer, é seguido de um hieroglypho representando um homem que leva a mão á bocca. Brugsch reuniu em sua *Grammatica hieroglyphica*, cento e quarenta e sete determinativos differentes, podendo ser expressos a maior parte por imagens diversas.

Tudo que acabamos de dizer se relaciona á escripta hieroglyphica”.

Na escripta phenicia só existem vinte e dois caracteres representados por consoantes. Não existem signaes syllabicos, nem complementos phoneticos, nem signaes ideographicos determinativos. Porque certas consoantes phenicias só encontram sua homophonia na lingua portugueza

com grupos consonantais não quer dizer que o alfabeto phenicio seja syllabico.



A. stéla de Mésa, rei de Moab. (F. Vigouroux)

Accrescenta o Prof. David J. Peres : “Note-se que tanto em hebraico como em arabe, os chamados pontos vo-

gaes são de uso relativamente recente. Os phenicios e cana-neus em geral nunca usaram taes signos”.

Os phenicios realmente nunca os usaram para transformar as consoantes em vogaes, pela razão muito plausivel de não terem elles vogaes no seu alphabeto; mas utilizavam o ponto para separar as palavras umas das outras.

O Prof. David J. Peres procure vêr uma gravura nitida da estéla de Mêsa, ou melhor, do monumento fune-rario de Mêsa, rei de Moab, e ha de se certificar que os phenicios empregavam pontos como signaes.

“A estéla de Mêsa, além de seu grande interesse his-torico e biblico, tem o maior valor como monumento archeo-ologico e paleographico. E’ o mais antigo especimen conhe-cido da escripta alphabetica. Servirá, doravante, como ter-mo de comparação, para avaliar approximadamente monu-mentos escriptos com um escripta analoga.

A máneira pela qual está gravada a inscripção per-mittiu, não obstante, as primeiras e sérias difficuldades que teve para triumphar Clermont-Ganneau, traduzil-a com mais segurança e mesmo mais facilidade que a maior parte das inscripções antigas : todas as palavras estão ahí separa-das por pontos, e as phrases ou membros de phrases estão distinguidas por barras perpendiculares, o que faz desappa-recer a causa mais grave de erro na traducção dos velhos textos, onde as palavras não estando ordinariamente dis-tinctas umas das outras, está-se exposto a cortal-as mal e a commetter assim um grande numero de contrasensos”. — (F. -Vigouroux).

Estes pontos, que servem para modificar o valor pho-netico das vogaes em hebraico, não são admittidos na lingua portugueza senão como trêma, em transcripções, citações ou adopções de palavras estrangeiras.

Accrescenta ainda o Prof. David J. Peres: “Ha umas quantas letras que se chamam semi-vogaes — *immoth ami-crá* em hebraico (são *matres leccionis*) — e que nesta lin-gua têm mais largo uso que no phenicio”.

No phenicio nunca houve uso largo nem estreito de semi-vogaes nem vogaes, porque foi uma lingua, cujo a pha-beto apenas foi formado por consoantes, como já tivemos occasião de referir.

---

Passando do campo theorico para o dos factos, o pro-fessor David J. Peres analysa a traducção da inscripção da Gavea do seguinte modo :

“Na inscripção referida ha 27 (vinte e sete) signaes que o autor transliterou para 30 (trinta) letras latinas.

A primeira palavra, diz o autor ser *Tsur*. Dá para o vocabulo *quatro* signaes literaes e nas notas cita autores que escrevem esta palavra com caracteres *latinos*. Pois bem, em phenicio não pôde, em hypothese alguma, ser representada por mais de duas letras essa palavra : *tsadi* e *rex*.



Stéla votiva a Tanit. (G. Oncken)

Para que os leitores de lingua portugueza compreendam o assumpto, supponhamos que decorridos millenios — desaparecida a lingua portugueza — os archeologos encontram signaes que transliterados, constituam a palavra *Tchio*. Ora, esse transliterator futuro, não conhecendo a graphia



portugueza, admittirá talvez que isso seja *Tio* : mas os conhecidos desse portuguez desapparecido sustentarão que nunca nesta lingua se escreveu *Tio* com cinco letras. Pois o mesmo caso *Tsur* com quatro signaes phenicios. Nos dialectos cananeus, em geral, *Tsor* se escreve com tsadi e rex, encontrando-se tambem com tsadi, vaw e rex. A pronuncia equivale, de facto, a *Tsor*, ou melhor : *Çor*.

Mas esse archeologo, que transliterou para o grego, por que não o fez passando çadi para o z (tzeta) dessa lingua ? Vê-se bem que o seu grego valia bem o seu phenicio”.

Foi o proprio Prof. David J. Peres quem disse que o autor transliterou os vinte e sete signaes da inscrição para trinta letras latinas. Agora diz que elle transliterou para o grego.

Criticando os quatro signaes literaes da palavra *Tsur*, diz que em nenhuma hypothese poderia ser representada por mais de duas letras : *tsadi* e *rex*.

Com esta affirmativa, se o Prof. David J. Peres encontrar uma inscrição neopunica com alterações orthographicas, como assignala A. Hovelacque, ha de sustentar que o neo-punico nunca foi phenicio, como se a lingua phenicia que teve existencia de mais de vinte seculos, não fosse susceptivel de ampliações ou de simplificações orthographicas, dentro dos limites consonantaeas.

De modo que um archeologo futuro que tiver de decifrar um trecho da carta de Pedro Vaz Caminha, ou um outro escripto no Brasil, no fim do seculo dezoito, ou ainda um escripto agora, depois das alterações orthographicas admittidas pela Academia Brasileira de Letras, isto dentro de quatro seculos e pouco mais, não ha de reconhecer nunca pertencerem os tres trechos á lingua portugueza.

O exemplo da palavra *Tio* é bem typico. Mande o Prof. David J. Peres escrever esta palavra em caracteres latinos por um japoniez recentemente chegado ao Brasil, e veja como elle a escreve figurando a pronuncia.

Não ha nem uma letra no japoniez correspondente aos sons portuguezes *ti* e *tu*.

Existem letras correspondentes aos sons *ta*, *tê*, *tchi*, *tô*, *tsu*.

Si um japoniez quizer figurar a pronuncia da palavra *tio* em caracteres latinos, terá de escrever *tchio*, o *ch* com o som de *xi*..

Com esta graphia latinizada, *tchio*, fica estabilizado o

pensamento correspondente á palavra *tio* segundo a orthographia actual da lingua portugueza.



Stéla de Lilybaeum. (G. Oncken)

Ora, um epigraphista que encontrar esta palavra daqui a millenios e não conhecer as difficuldades phoneticas

de representação literal do orthographo, terá talvez de se desapertar para a esquerda, sustentando, como faz o professor David J. Peres, que nunca houve quem pudesse escrever a palavra *tio* com a graphia *tchio*.

Depois de dizer que a palavra *Tsur*, em phenicio, não pôde, em hypothese alguma, ser representada por mais de duas letras, diz, entretanto, o Prof. David J. Peres depois, que nos dialectos cananeus tambem se encontra *Tsor* com *tsadi vaw* e *rex*, equivalendo a pronuncia a *Tsor* ou *Çor*. Reconhece, portanto, que *Tsor*, *Tsur* ou *Tzur*, não se escreve só com *tsadi* e *rex*. Isto se parece muito com uma verdadeira contradicção.

A transliteração que diz mais adiante ter feito para o grego o *archeologo* criticado, não passa de uma *gaffe* do criticador, porque, na *Revista da Semana* alludida não ha caracteres gregos e sim caracteres latinos; pelo que, tambem o grego do Prof. David J. Peres vale bem o seu *phenicio*, segundo suas proprias expressões que bem lhe cabem.

Continuando sua critica, diz o Prof. David J. Peres : “A palavra seguinte está representada por oito signaes correspondentes a nove caracteres latinos”. (Aqui as letras já são novamente latinas. “E” mais interessante ainda pelo *simplissimo* factu de que esses povos nunca se chamavam a si mesmos phenicios. Os gregos é que assim o denominavam e não é preciso dizer porque — pois é sabido de todos. Quando, pôde-se admittir, queriam generalizar o partronimico, diziam sidonios (Cidonium). O commum, entretanto, era cada um alludir á sua cidade. A não ser assim, com a travessia do Atlantico teriam perdido a noção da patria e se tratavam como se gregos fossem, ao mesmo tempo que falavam *sidónio*.

E não é engraçado notar que a transliteração ahi deu *j* ao em vez de *ph* (phí dos gregos ou phé dos phenicios)?”

Aqui o Prof. David J. Peres entra na investigação do nome que os phenicios davam a si proprios, attribuindo ser a denominação de phenicios originaria dos gregos, quando estes não fizeram mais do que corromper a denominação dada pelos egypcios, e os latinos a dada pelos gregos.

Senão, vejamos : “Admitte-se geralmente que o vocabulo *phoinix* “o phenicio” é, pela fórmula, palavra grega e que os gregos, quando a formaram, fizeram com a consciencia de que significava vermelho ou escuro; considera-se, porém, tambem possivel e até provavel, apezar disso, que esse nome não seja de origem grega, mas a transformação ou modificação de uma palavra estrangeira, e que é esta a razão por que é tão clara a sua significação etymologica.

Como é sabido, os phenicios não tinham para seu povo um nome generico do qual pudessem ter formado *phoinix*; em compensação, os egypceios usavam como nome generico o vocabulo *fenchu*, plural de *fench*. Em vista disto, tem-se comparado *fench-u* e *phoinik-es* com *fench* e *phoinix*, o que tem suas difficuldades grammaticaes, porque os gregos deviam ter transformado a ultima consoante da palavra egypcia num suffixo, visto o radical de *phoinix* não ser *phoinik* mas *phoin*; no Poenus, “o carthaginez” tinha ficado completamente eliminada aquella particula. De modo que te-



**Primeira inscripção das pedras de Itacoatiara  
(Bernardo Ramos)**

riamos de admittir que a fôrma que os gregos deram á palavra *fench* e *fenchu*, só em apparencia era grega. Os nomes dos povos taes como, por exemplo, *Kil-ix*, *Kil-ikes* e *Thre-ix* e *There-ikes*, eram correntes para os gregos; não é, pois, para admirar que, seguindo uma analogia errada, fizessem de *fench*, *fench-u*, *phoin-ix* e *phoin-ikes*. Admittindo isto, — o que não é propôr nada impossivel, — explicar-se-á a razão por que a significação etymologica do vocabulo original grego, que na realidade era apenas corruptela do egypcio, foi applicada, com o andar dos tempos, aos phenicios, por se ter perdido ou esquecido a origem estrangeira do vocabulo grego. A fôrma original egypcia deste vocabulo foi tão esquecida, que de *phoin-ix* pôde formar-se a

palavra latina *poen-us*, assentando-se que se chegou a formar de *phoenix*, *phoinike*.

Acceitando esta explicação, pouco importaria dizer que a origem do vocabulo *fenchu* é muito obscura, e que os egypcios não designaram ao principio, provavelmente, com elle os phenicios, e que foi só com o decorrer do tempo que o fizeram. Basta saber-se que o fizeram, — é o que nos importa. De sorte que é possível que os gregos tivessem aprendido este nome do povo phenicio, nas suas relações com os egypcios, ou, o que explicaria melhor a modificação, que o aprendessem pronunciado por um povo que estava em relação com as povoações costeiras do delta do Nilo e com os phenicios ahi estabelecidos, aos quaes, por consequencia, applicaram o nome que os egypcios lhes deram” — (Guilherme Oncken).

Disto deduz-se que a origem do nome é egypcia e não grega, e que os autores da inscripção da Gavea, querendo se identificar para o futuro, deram á sua terra o nome pelo qual eram elles conhecidos, e não simplesmente o da cidade que collocaram no começo da inscripção, nem tão pouco se haviam de dizer sidonios, nem á sua terra Sidon, sendo elles de Tyro.

E' ainda Guilherme Oncken quem diz: “Entre os gregos do tempo posterior a Homero, conservou-se quasi exclusivamente na poesia a significação generica do vocabulo “sidonio”, e os poetas latinos, imitando os gregos, empregaram muitas vezes as palavras “sidonios” e “sidonio” no sentido de “phenicios” e “phenicio”. O mesmo succede em obras poeticas gregas e latinas posteriores a Homero com os vocabulos “tyrios” e “tyrio”, razão por que os judeus tambem usaram posteriormente, de vez em quando, o vocabulo “tyrios” por “phenicios”, o que prova que era Tyro e não Sidon a cidade mais importante da Phenicia. Devemos dizer, comtudo, que os vocabulos *tyrios* e *tyro* nunca foram usados pelo povo grego ou romano.

Nas poesias homericas já se encontra a expressão “phenicio” como synonymo de “sidonio”, e na *Odyseea*, n'uma passagem, já se fala de “Phoinike” para designar “Phenicia”.

Vê-se, pois, que ha justificativa racional de se encontrar como primeiras palavras da inscripção da Gavea-Tyro Phenicia, e de ser feita a transliteração dos dois primeiros caracteres da segunda palavra para *foe fé*, e não *ph* (*phi* dos gregos ou *phé* dos phenicios), devido á etymologia egypcia da palavra, que vem de *fench* ou *fenchu*, no dizer de Guilherme Oncken.

Diz mais o Prof. David J. Peres “A terceira palavra é uma bella aberração, pois em parte alguma se encontra tal nome na historia phenicia.. E’ preciso effectivamente muita audacia para estropiar um nome que contém o radical *baal* e que seu dono escrevendo na sua propria lingua, o deturpasse; quando entre essas gentes o nome *baal* associado ao seu era honra, por se tratar do nome generico de uma divindade sagradamente respeitada. De fórma que Baalçar o homem sem mais aquella passa a assignar Badizir — provavelmente porque adivinhava que assim lhe haviam de chamar 2.700 annos antes”.



Segunda inscripção das pedras de Itacoatiara  
(Bernardo Ramos)

Tambem este trecho da critica póde ser reduzido ás suas verdadeiras proporções.

Bernardo Ramos, encontrando na inscripção a palavra *Badzir* (e não *Badizir*, como diz o Prof. David J. Peres), attribuiu ser este nome um appellido de Baalazar,, como é frequente se dar na Historia : Phelippe IV, *o Bello*; Fernando I, *o Catholico*; Affonso V, *o Africano*; Leão XIII (papa), *o Lumen in coelo*, etc., Baalazar, *o Badzir*.

A que se poderá attribuir este appellido ?

Procuremos uma fonte historica. “Os phenicios ousaram franquear as portas de Hercules e aventurar-se para o mar “Tenebroso” para buscar o estanho, cujos compradores foram primeiramente os egypcios e depois os helenos da pequena e da grande Grecia”. “O estanho, utilizado para a

fabricação do bronze, isto é, para as bellas armas, as estatuas, os vasos, tudo o que o mundo antigo tinha de mais sumptuoso e raro, alcançava então tal estima aos olhos dos traficantes, que o nome do archipelago productor — *Kaasiteros* — em grego, — *Kasazatirra* — em assyrio, — *Gazdir* em arabe, — *Kesdir* — no interior da Africa, *Kastira*, na India, — se havia espargido por toda a terra entre o Pacifico e o Atlantico, e que para a obtenção do metal precioso se abriam vias de comunicação através de toda a largura dos continentes”. — (Élisée Reclus).

Ora, os phenicios aportando ao lugar onde se encontra a pedra da Gavea, á procura do estanho, bem distante de sua patria, não é natural que graphassem não o nome, mas o appellido que elles davam ao seu principe ou ao seu rei ?

Ha nisso estropiação de nome ?

Por isso, não houve, por parte de Bernardo Ramos, *muita audacia para estropiar um nome*; muita audacia effectivamente existe em quem se mette a critico sem saber tirar deducções historicas nas interpretações epigraphicas

Continuando na sua critica, diz o Prof. David J. Peres : “A quarta, - Rab. Esta palavra jámais representou primogenito, que tem outra denominação nessa lingua.

Em geral, em todos os monumentos até agora traduzidos se encontra a denominação *Ben* (com *beth* e *nunq*) no sentido de filho. Ademais, admittindo que essa fosse a traducção, a graphia é que não o poderia ser, visto como *Rab* se escreve com duas letras : *Rex* e *beth*. Aonde o traductor teria ido buscar esse álef que impiedosamente ahi intercalou ? Seria esse signalzinho que se acha encarapitado violentamente na perna do supposto *Rex* ? No original não se encontra esse signo. Si ahi existisse, tambem estaria errado, pois como ficou dito, *Rab* se escreve com dois signaes. Portanto, não se comprehende”.

Não dizendo o Prof. David J. Peres qual a outra denominação da palavra *Rab*, quando contesta que ella represente primogenito, mostra desconhecer a origem e o significado della. Acho até natural isto, porque o vocabulario tirado das inscrições phenicias, até agora traduzidas, é muito insignificante, conforme affirma Contenau.

Vejamos a origem e o significado desta palavra *Rab*. “Schrader acredita que *rab-sagéh* é uma fórma arameisada do titulo *rab-sag*, que apparece nas inscrições como o de um official superior do exercito. *Rab* significa a palavra “grande”, *sag* é o ideogramma pelo qual se exprime *ris*

“cabeça, chefe”, “rab-sag” é, pois, o “grande-chefe”. — (F. Vigouroux).

Bernardo Ramos, encontrando a palavra *rab* entre as palavras *Badzir* e *Jethbaal*, attribuiu o appellido de *Badzir*, ou *Badezir*, a Baalazar, e como este tenha sido, segundo a chronologia historica, realmente o pai de Jethbaal, ou Ito-baal, traduziu *rab*, por primogenito, attendendo que o sentido de *grande, superior*, da palavra, concordava com a idéa de grandeza ou de superioridade reconhecida no direito de primogenitura observado entre os povos semitas.

O Prof. David J. Peres parece ignorar que foi pelo methodo das deducções que Grotefend e Champollion chegaram, respectivamente, a decifrar os alphabetos cuneiforme e hieroglyphico.



Terceira inscripção das pedras de Itacoatiara  
(Bernardo Ramos)

Continuando ainda, diz o Prof. David J. Peres : “Quanto a *Jethbaal*, nesta culminou o disparate. Antes de mais nada, os phenicios nunca escreveram *Jethbaal* nem Ito-baal (graphia latinizada).

Elles sempre escreveram *Ethbaal*. Ora, esta palavra que está representada com oito caracteres (um dos quaes a gente não sabe se é um ou são dois), é uma composta, e consta de duas distinctas : *Eth*, que em phenicio se representa por *álef* e *taf*; e *Baal*, que é representada nessa lingua por tres letras : *Beth*, *Kyn* e *Lamedt*. Assim sendo, se evidencia que não ha meios de achar o numero de signaes



que ahí estão traçados. Além disso, em nenhum monumento phenicio se encontrará jamais, o nome do deus Baal escripto com *álef*, e para maior absurdo na tal transliteração estão representados dois álefos, erro gravissimo que nenhum aprendiz perpetraria e muito menos o hierogramata ou lapidicida incumbido de tracejar o distico de estela, ou monumento, que deveria homenagear a Deus, ou assignalar aos homens a passagem dos seus antepassados pela terra”.

Para o Prof. David J. Peres, só *Ethbaal* é certo. *Jethbaal* e *Itobaal* são disparates.

Dussaud, em seu estudo sobre “Inscrições phenicias do tumulo de Ahiram”, propoz a seguinte traducção : “*Itobaal*, filho de Ahiram, rei de Gebal, fez este sarcophago para Ahiram seu pai, como sua morada para a eternidade...”, etc.

Ora, até agora ainda não tinha lido que a traducção *Itobaal*, de Dussaud, fosse um disparate. E’ a primeira vez.

A *álef* dos phenicios era uma consoante, dahi as variações dos sons na sua degradação em vogal, e seus valores phoneticos — *a, e, i, o, u*, conforme as palavras; logo *Itobaal* me parece bem traduzido por Dussaud.

Na palavra da inscripção da Gavea, Bernardo Ramos procurou dar valores aos caracteres existentes. Si elle encontrasse ahí *áleph, thaw, beth, hwain, lamed*, teria satisfeito ao seu critico posthumo. Como não encontrou isso, ou elle ou o autor da inscripção commetteram um absurdo. Caso, porém, tivesse encontrado um *aiyn* (*hwain*), se figurasse a pronuncia com *rr* muito gutturaes, tambem não teria agradado ao critico, por não corresponder á palavra como é pronunciada presentemente em portuguez.

Erros orthographicos dos phenicios têm sido assignalados e no neo-punico então são bem frequentes. Estou certo, por isso, de que, se o Prof. David J. Peres algum dia tiver de cotejar decifrações da escripta neo-punica, ou sustentará que ellas não são de origem phenicia, ou se insurgirá contra o traductor e o autor da inscripção, por causa dos erros.

Terminando sua analyse dos factos, diz o Prof.. David J. Peres : “Assim exposto, não deixa duvida que ainda que se venha um dia provar que taes signaes são phenicios, positivamente a traducção é imaginaria”.

Com esta affirmativa o critico deitou por terra todos os seus argumentos. Si elle não sabe se os signaes são mesmo phenicios ou não, como póde criticar aquillo cuja natureza desconhece ? E, se aquillo que elle desconhece é

inexistente para elle, como póde classificar de imaginario o que se refere a uma cousa, cuja existencia não admite? Taes indagações são de uma logica irretorquível e não admittem sophismas.

O Prof. David J. Peres conclue a sua critica com cinco notas.

A *Nota I* diz : “A obra de onde a *Revista da Semana*



**Quarta inscrição das pedras de Itacoatiara  
(Bernardo Ramos)**

extrahiui o capitulo a que me refiro, teve a sua publicação estipendiada pelo erario publico”.

Realmente, a publicação foi mandada fazer por uma lei que teve por ponto de partida uma proposição da bancada parahybana, na Camara Federal, quando Presidente da Republica o Dr. Epitacio Pessôa e por inspiração deste eminente homem de Estado, depois de ter ouvido duas conferencias na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, nas quaes Bernardo Ramos expoz as suas theses e exhibiu o livro que tinha escripto, conferencias assistidas pelas summidades scientificas desta capital e, entre estas, o preclaro Presidente do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, Sr. Conde de Affonso Celso.

Onde o desdoiro para o autor ter sido a impressão de sua obra estipendiada pelo erario publico ?

A *Nota II* diz : “Para honra da cultura nacional, sobre este trabalho não chegou a manifestar-se o nosso Instituto Historico”.

Realmente, o Instituto Historico não manifestou-se porque não houve occasião para isso; todavia, sobre o trabalho se manifestou uma commissão do Museu Nacional, da qual fizeram parte homens de grande valor, que honram a cultura nacional, como os professores Roquette Pinto e A. Childe, e que acharam ser o referido trabalho “merecedor de franco applauso no que diz respeito á reunião e á reproducção dos petroglyphos, pinturas suprestes e inscripções diversas do mundo em geral e do Brasil em particular”, accrescentando elles ser de real interesse fazer do alludido trabalho, esparso em livros e revistas numerosas, um repositório d’documentario.

Parece-me que não é sómente um parecer de uma commissão do Instituto Historico que póde honrar a cultura nacional. O parecer de uma douta commissão do Museu Nacional ha de igualmente honrar essa cultura.

A *Nota III* diz : “Comparando-se os desenhos publicados pelo Instituto Historico, no primeiro volume de sua preciosa Revista, com os da mencionada obra do Sr. Bernardo Ramos, vê-se que houve retoques”.

Nesta nota o Prof. David J. Peres, com os seus pruridos de critico iconoclasta, usou evidentemente de má fé.

No artigo da *Revista da Semana* existem duas gravuras da inscripção da Gavea.

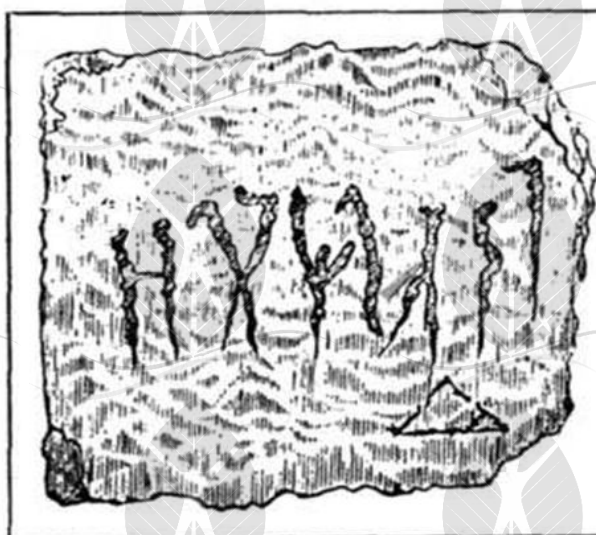
A que está no alto da pagina é uma cópia da gravura da *Revista do Instituto Historico*, feita a bico de penna, por Bernardo Ramos; a que está em segundo lugar, é uma outra, feita tambem a penna, por elle, que, aliás, era um habil desenhista, fazendo reaparecer os traços que suppunha terem desaparecido pela acção destruidora do tempo.

Onde os taes *retoques* empregados no sentido de *mystificação* ?

Uma reproducção photographica poderia dar ao *cliché* uma exactidão relativa ás proporções, mas uma gravura feita á mão livre e á penna, póde ter variações na intensidade das sombras ou mais nitidez dos traços, permittidas conforme a natureza do desenho, sem que isso possa ser classificado de *retoques*..

Qualquer artista que comparar a gravura da revista do Instituto com a correspondente publicada na *Revista da Semana*, ha de testemunhar que são identicas e não existem os taes phantasiados retoques.

A *Nota IV* diz : “O n. 1 da *Revista do Instituto Historico*, a que alludi, traz importante trabalho sobre essa supposta inscripção. Esse trabalho, que é de facto notavel, está assignado pela commissão que fôra nomeada por esse Instituto, e composta dos Srs. Manoel de Araujo Porto Alegre e Januario da Cunha Barbosa (apenas), que produziram uma obra sábia a par de conscienciosa, desmanchando os enthusiasmos de Frei Custodio, que via nesses traços o mundo oriental. Mas sendo Frei Custodio um entusiasta dessas cousas, era sufficientemente honesto e equilibrado, para não se metter a traductor de... phenicio. Esse relatorio dos dois sábios brasileiros é datado de 23 de Maio de 1832”.



A inscripção phenicia das pedras das Lages.  
(Bernardo Ramos)

A Commissão composta de Araujo Porto Alegre e Januario Barbosa não desmanchou os enthusiasmos de Frei Custodio Serrão, como allega o Prof. David J. Peres, pois affirmou “que com os seus proprios olhos encontrou em diversas pedras isoladas em roda da Gavea, sulcos profundos entre dous veios de granito, que mais ou menos representavam caracteres hebraicos, e alguns romanos, e de uma maneira assás evidente e caprichosa”.

E affirmou mais ainda : “A commissão não desespera da gloria, que aguarda o Instituto Historico e Geographico, na descoberta de iguaes monumentos; nem da esperança de vêr apparecer no seu seio um Champollion brasileiro, esse Newton da antiguidade egypcia ou Cuvier do Nilo, para com o facho de seu genio indagador illuminar esta parte tão obscura da historia primeva do nosso Brasil”.

Na impossibilidade de dar uma solução definitiva ao caso, e estudados os argumentos pró e contra, a commissão

do Instituto escreveu o seguinte : “Argumentos notaveis se apresentam de uma e outra parte, para que ambas as conjecturas tenham seu fundamento”.

Como se poderá concluir, pelo que vae citado, terem sido desmanchados os *enthusiasmos exagerados de Frei Custodio, que via nesses traços o mundo oriental?*

Quanto a dizer o *procurador espontaneo da cultura nacional que, sendo Frei Custodio um entusiasta dessas cousas, era sufficientemente honesto e equilibrado, para não se metter a traductor de... phenicio*, é uma affirmativa capciosa com o fim de insultar a memoria veneravel do grande brasileiro que foi Bernardo Ramos.

Frei Custodio Serrão, carmelita maranhense, não traduziu a inscripção da Gavea, porque a interpretação da escripta phenicia estava ainda nos seus primordios; posto que elle soubesse o grego e diversas linguas orientaes.

“E’ a um francez, o abbade Barthélemy, que se deve, no fim do seculo dezoito, a decifração do phenicio. Barthélemy, que estava addido ao Gabinete das Medalhas, estava preparado para esta descoberta, por seu conhecimento do hebreu e pelo exame frequente que fazia das moedas orientaes. Entre ellas se encontravam moedas phenicias. Sua legenda é muitas vezes o nome da cidade que as tem cunhado, escripta em caracteres phenicios. Elle pôde, pois, por conjectura, fixar já o valor de algumas letras do alphabeto. Tinha-se encontrado em Malta, dois pedestaes, datando do segundo seculo antes de Christo, supportando uma columnasinha em fórmula de fuso. Sobre cada uma das bases estava gravada uma inscripção em phenicio e em grego. Um dos monumentos ficou em Malta, o outro foi enviado para a Academia de Inscrições e Bellas Letras; dahi, no meio do seculo ultimo, passou ao Museu do Louvre. Graças ao soccorro que lhe forneceu a inscripção grega e por comparação com o vocabulario hebreu, o abbade Barthélemy pôde fixar o valor dos signaes desta inscripção”. — (G. Contenau).

Ora, as inscrições de algumas moedas phenicias, e depois, as dos pedestaes de Malta, foram as unicas decifradas até a época da “Memoria que o illustre Frei Custodio escreveu”, sendo que a decifração das moedas foi feita por conjectura, e as dos pedestaes, pelo auxilio das inscrições gregas correspondentes.

Como é que Frei Custodio, não sendo numismata, não tendo uma inscripção grega para o auxiliar, e não havendo alphabetos phenicios systematisados naquella época (antes

de 23 de Maio de 1839), podia se meter a traductor de phenicio ?

Em achar que Frei Custodio foi *sufficientemente* ho-

Valor das letras	Hieroglyph	Hieraticas	Phenicias	Hebraicas	Nomes em hebraico
a		א	𐤀 ou 𐤁	א	Aleph
b		ב ou ל	𐤂	ב	Beth
gh		ג	𐤃	ג	Ghimel
d		ד	𐤄	ד	Daleth
he		ה	𐤅	ה	Hé
u		ו	ו, 𐤆	ו	Vau
z		ז	ז	ז	Zain
h aspiz		ח ou י	ח, 𐤇	ח	Hheth
t		ט	ט, 𐤈	ט	Teth
i		י ou ך	י, ך	י	Iod
k		כ	כ	כ, 𐤉	Kaph
l		ל	ל	ל, 𐤊	Lamed
m		מ	מ	מ, 𐤋	Mem
n		נ	נ	נ, 𐤌	Nun
s		ס	ס	ס, 𐤍	Samekh
o p (f)		פ	פ (=ph)	פ, 𐤎	Ain } Pê (phé)
t s		צ	צ	צ, 𐤏	Tsade
q r		ק ר	ק ר	ק, 𐤐 ר, 𐤑	Qoph (koph) Resh. (sh=x)
x (sh)		ש	ש	ש, 𐤒	Xin (shin)
th		ת	ת, ך	ת	Thau

Alphabetos: hieroglyphico, hieratico, phenicio e hebraico (F. V. Lorenz)

*nesto e equilibrado para não se metter a traductor de... phenicio* — é que culmina o disparate do *procurador espontaneo da cultura nacional*.

Para o Prof. David. J. Peres não commetter de outras vezes dislates dessa ordem, deve lêr o seguinte, que se encontra na *A Sciencia Franceza*: “Em 1855, o duque de Luynes offerecia ao Museu do Louvre um grande sarcophago antropoide, o de Eshmunazar, encontrado em Sidon por Peretié, chanceller do consulado da França em Beyrout. O interesse que provocou esta preciosa aquisição atrahiu a attenção sobre a Phenicia e, em 1860, Napoleão III. confiou a Ernesto Renan uma commissão de exploração. A expedição e as escavações, com as quaes o illustre sábio explorou as necropoles de Sidon, d’Amrith, de Gebal, foram ricas em resultados, e a *Commissão da Phenicia* (1864-1874) ficou sendo uma obra capital.

O Louvre enriqueceu-se de uma série de sarcophagos anthropoides, cujo estudo pôde ser completado ulteriormente, graça ás descobertas de Hamdy Bey em Sidon (Hamdy Bey e Th. Reinach, *Uma Necropole real em Sidon*, 1892). Desde a commissão de Renan, a sciencia franceza não cessou de continuar em investigações sobre a archeologia e a epigraphia phenicias. As figuras foram estudadas pelo marquez de Vogüé (*Miscellaneas de archeologia orientata*). Clermont-Ganneau, depois de seus estudos sobre a *Confecção phenicia das imagens* (1880), desempenhou uma fructuosa commissão (*Commissão na Palestina e na Phenicia*, 1881). A Academia das Inscriptões empreheendeu, por iniciativa de Renan, a publicação do *Corpus das inscripções semiticas*, das quaes Ph. Berger foi até sua morte (1912) um dos activos collaboradores”.

“Uma descoberta capital para a epigraphia oriental é a da estéla do rei de Moab, Mêsa, descoberta por Clermont-Ganneau, em 1869, e transportada por elle para o Louvre (*a Estela de Dhiban ou estela de Mêsa*, 1870)”.

“Phenicia, por suas origens, a Carthago punica pertence ao mundo oriental. E’ preciso infelizmente renunciar a reconhecer os monumentos que occupavam a antiga acropole, a collina de Byrsa, hoje a collina de São Luiz. As escavações emprehendidas por Beulé não deram resultados senão sobre outros pontos. (*Escavações em Carthago*, 1864). Porém, depois que as necropoles foram exploradas methodicamente pelo Padre Delattre (*Necropole punica da collina de São Luiz*, 1897) a *Necropole dos Rabs, sacerdotes e sacerdotizas*; *Necropole punica visinha de Santa Monica*, 1898), deram um abundante material de estelas votivas, sar-

cophagos, mascaras, estatuetas, vasos, joias, que fazem reviver para nós a civilização carthagineza antes da conquista romana e mostram as influencias phenicia, egypcia e grega que ella soffreu. As antiguidades e a epigraphia punicas forneceram a materia de numerosos trabalhos a Ph. Berger que, publicando o *Catalogo* do museu Lavigerie, traçou o quadro desta civilização (1900)”.

PHENICIO					HEBREO		
	II	III	IV	V		VI	
X	X	Y	† † †	Δ	Δ	ALEPH	X X X
9	9	9	9 9	9	9	BETH	9 9 9
1	1	7	^ 7	^	^	GIMEL	7 1
A	9	9	A	Δ	Δ	DALETH	A Δ Δ
Æ	Æ	Æ	Æ † †	Æ	Æ	HE	Æ †
Y	Y	Y	Y Y	Y	Y	VAU	Y Y
Z	12	1	2 2	Z	Z	ZAIN	
H	H	H	BA 9 H	H	H	HETH	H H H
U	U	U	⊗ ⊕	U	+	TETH	
Y	Y	Y	Y Y	Y	Z	YOD	Y Z
X	X	Y	1 7 Y	X	X	CAPH	†
L	L	L	6 4	L	L	LAMED	L V
M	M	M	9 4	M	M	MEM	Y
N	N	N	9 4	N	N	NUN	Y
S	S	S	9 4	S	S	SAMECH	Y
A	A	A	9 † † †	A	0	AIN	0 0
P	P	P	9 7 1	P	9	PE	9 7
R	R	R	Y R	R	+	TSADDE	Y Z
K	K	K	φ φ	K	φ	KOPH	P P P
RE	RE	RE	9 9	RE	9	RESEK	9 Y
SH	SH	SH	W	SH	W	SHIN	W
T	T	T	X +	T	+	TAU	+ X

Alphabetos phenicio e hebreo. (Bernardo Ramos)

Tendo a pheniciologia tomado os seus fóros de sciencia sómente depois da descoberta do sarcophago de Eshmunazar, em 1855, entende o Prof. David J. Peres que, antes de 1839, podia Frei Custodio Serrão se encontrar em condições de decifrar inscrições phenicias !



A *Nota V* (a ultima), diz : “A pobreza de caracteres typographicos dessas linguas constrange-me a não offerel-os ao exame comparativo ante o publico ledor”.

Si o Prof. David J. Peres não encontrou caracteres phenicios para illustrar a sua critica foi porque naturalmente os procurou com fórmãs de cabeça de touro, de casa ou tenda, de camello ou de corcunda de dromedario, de grade, etc., que não ha de encontrar em parte alguma, como não os encontrou o abbade Barthélemy nos pedestaes de Malta, nem o duque de Luynes no sarcophago de Eshmunazar, nem Clermont-Ganneau na estela de Mésa, nem Dus-saud na estela de Ahiram, nem Bernardo Ramos nas inscripções de Itacoatiara, das Lages e da Gavea.

Quando o *procurador espontaneo da cultura nacional* quizer, de agora em diante, illustrar os seus artigos com caracteres phenicios e gregos, procure as officinas da Imprensa Nacional e lá encontrará material abundante, e, quando não os encontre á sua feição, é só desenhá-os, que elles serão alli magistralmente fundidos. Assim o publico ledor não ficará privado de um exame comparativo nas suas criticas futuras.

---

A obra dos verdadeiros epigraphistas não se abala ante as contumelias dos criticos do jaez de David J. Peres.

“Quando o abbade Barthélemy vulgarizou os seus trabalhos sobre a escripta phenicia, appareceu um inglez, J. Swinton, que contestou a Barthélemy a prioridade da decifração, terminando os seus ensaios com resultados em parte inexactos”. — (G. Contenau).

Com Champollion o caso foi mais sério, pois, não foi um só, foram dois.

“Champollion provou que seu alfabeto, applicado aos textos correntes, permittia encontrar nelles não só muitas palavras, como muitas fórmãs grammaticaes da lingua copta. Desafiaram-no a que achasse outra coisa que não fossem nomes proprios, e elle traduziu phrases e provou o bom fundamento de suas traducções. Nem por isso deixou de ser menos forte a opposição, sobre tudo por parte dos sábios que conheciam ou pretendiam conhecer a lingua copta Estevam Quatremère nem siquer se dignou estudar o systema e o combateu. Klaproth não o estudou senão para combatel-o com uma má fé e uma animosidade que nem a morte de Champollion apasiguou. Apesar destes ataques, a sciencia se impôz aos não predispostos em contrario”. — G. Maspero).

Com Bernardo Ramos, antes de publicada a sua obra, já appareceu o primeiro Klaproth, o *procurador espontaneo da cultura nacional*, David J. Peres. Havemos de vêr quantos outros terão de apparecer depois do seu livro circular. Mas estou bem certo que todos os seus contradictores terão o mesmo destino de J. Swinton, Estevam Quatremère e Klaproth : — serão relegados ao esquecimento — e as theses sustentadas no trabalho do inesquecivel epigraphista brasileiro hão de triumphar um dia para bem da sciencia, que não poderá nunca ser entravada, na sua marcha evolutiva, pela irreverencia doentia dos criticadores de cutiliquê.

VIVALDO LIMA.





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA